# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes


## Boas-Festas

*A todos os nossos collaboradores, correspondentes, assignantes e amigos.*

*A Redacção.*

## A INDOLE

DO

## CHRISTIANISMO

I

Transformando se foram os cultos uns nos outros. Este ponto de vista que nos suggeriu a historia das religiões, hoje o rigoroso exame dos seus monumentos escriptos o confirma.

Distingue-se o christianismo por isolar a ordem divina da ordem natural, emquanto nos cultos anteriores a natureza era a esplendida manifestação do ente supremo e chamou-se idolatria ao que realmente não era mais do que as suas energias ou qualidades, encarnadas ou figuradas.

Já Moysés, que não lhe attribuiu nenhuma ligação d'essencia com o universo, dispensára completamente os symbolos. A natureza separada do creador, e este com uma personalidade fixa e pura, eis o que é proprio mosaismo.

Jesus Christo encheu d'uma ternura infinda a idéa de Deus como pae celeste, os homens como seus filhos, e estes como sendo irmãos. Mas não differe o christianismo da religiões da Asia em sacrificar a natureza ao espirito, e o espirito a uma aspiração unica—o céu.

As segundas, concepções pantheisticas que estabelecem dependencias fataes entre o homem e a divindade, fazem do individuo um mero accidente da substancia universal, dão-lhe por alvo a identificação com ella e por meio a renuncia á natureza, aos seus instinctos e tendencias. O christianismo faz o mesmo:—por um lado julga a indole humana sujeita ao mal, por outro incapaz de se rehabilitar moralmente sem a graça, isto é, sem a influencia divina.

E do mal considerado como entidade real, como um principio activo e immanente, pedra angular de todo o edificio religioso, nasceram os dogmas da expiação e da penitencia, e d'ahi a repressão das manifestações e tendencias naturaes, até á indifferença absoluta, se fôra possivel.

São notaveis e salientes as analogias do Evangelho com a doutrina de Buddha, o reformador da India—que não é atheu, nem o seu *nirwana* significa o nada, como alguns escriptores affirmam, e se illudem.

II

Os Hebreos, que se arrogavam a missão providencial de guiarem e dominarem os outros povos, de serem a luz da humanidade, firmavam a sua independencia na idéa religiosa, acolhiam-se ao templo como ao seu capitolio, e sempre á espera de verem compridas as promessas divinas, alvoroçavam-se á voz dos prophetas, e preparavam-se pelo culto para a regeneração politica: o papel do regenerador estava já escripto na imaginação popular, e Christo acceitando-o renegou o mundo civil e proclamou a reforma da moral.

Até ahi os heberos tinham como profano tudo o que vinha das nações estrangeiras odiavam a civilisação pagã, e os outros cultos qualificavam-n'os de idolatrias.

*Jehovah* era o Deus nacional o Deus unico: de Baal, Deus profano, apesar de ser a expressão da mesma idéa, fizeram Belzebuth e de outras divindades pagãs a côrte do inferno.

Consequencia logica das suas idéas religioso-politicas, a fé devia trazer-lhes todas as venturas. Eram os seus desastres unicamente attribuidos á impiedade. O arrependimento e a penitencia, eis as garantias do throno de David. Levanta-se e cahem os imperios e o reino de Deus não chega nunca. Com os olhos no futuro, depois de dois captiveiros e mil provações, era immensa a espectativa do povo dilecto. Os videntes succediam uns aos outros; a fé reanima-se; o Messias apparece; e em vez da monarchia universal annuncia aos judeus a sua dispersão eterna; em vez do imperio exclusivo a união dos povos gentios sob o mesmo symbolo, o dominio da mesma fé sobre todos os espiritos.

Ficaram pois illudidas as ambições de Israel, a cidade santa que devia ser a capital do mundo.

Jesus converteu no fim messianico o que os prophetas aconselhavam como preparação relig osa e estendeu a toda a humanidade o que os judeus queriam que fosse um privilegio da sua raça.

No christianismo, portanto, annulou-se a idéa social, a idéa moral foi tudo, a renuncia á vida terrestre a sua feição caracteristica; a fé, a união mystica com o poder invisivel, o fim da sua reforma; o seu reino abrange o destino eterno.

A caridade, a pureza interior, a humildade, eis as condições da união espiritual entre Deus e os crentes.

Nenhum principio, nenhum preceito aspira directamente á felicidade na terra: pelo contrario, devem ser appetecidas as dores e as desgraças como titulos ás recompensas celestes.

O mal a que a humanidade está sujeita, exige a graça que rehabilita do peccado, e a revelação da lei pela incapacidade da razão humana.

Affirmando que sem a fé e a graça não ha rehabilitação possivel, o christianismo colloca o homem sob a influencia immediata da acção divina.

Onde está, pois, a autonomia das forças moraes, a liberdade intrinseca, a acção individual, efficaz e salutar?

Da mesma sorte não produziu a igualdade civil. A civilisação moderna proclama como iguaes todos os direitos, e o livre exercicios das faculdades que lhes correspondem. E o christianismo, não se occupando d'esses direitos, não os garantindo, só estabelece a indistincção entre todos os homens perante Deus: as desigualdades sociaes continuaram e subsistiram taes como eram, excepto nos primeiros gremios christãos, que em breve se disfizeram.

Assim se viu depois o contraste de duas sociedades com fins oppostos e dois poderes repugnantes, mais tarde rivaes, e nunca em verdadeira ou sincera harmonia.

III

Se acaso se exaggeram as consequencias politicas e sociaes da nova fé, é bem real a sua influencia nas disposições interiores, nas quaes insinúa uma bondade mystica, uma doçura ineffavel.

Não é a doutrina de Jesus uma cadeia d'aridos principios: é toda inspiração e poesia. Dos sentimentos mais puros, que vogavam na athmosphera moral do seu tempo e nas associações religiosas, como os *ossenos*, Jesus se fez o arauto sublime e tocante «Vêde o lyrio dos campos, que não fia nem tece», dizia elle; «unidos na fé depuraivos na innocencia e singeleza das crianças, e não vos inquietem os cuidados da vida». São maximas impraticaveis, mas que predispunham a uma vida nova, tranquilla e suave.

O despego da existencia, além das dores reaes que o provocam, exaltado pela fé, causaria o torpor geral, a desolação, a immobilidade, se a natureza contra isso não reagisse.

E' assim, que o Evangelho não conseguiu abolir a escravidão, que durou na Europa até ao fim do seculo XVIII. Estranhemos comtudo que os bispos, os abbades, os conventos, e os simples clerigos, tivessem *servos e escravos*.

Na ordem religiosa foi Jesus Christo um grande reformador; preferiu a moral ao culto. «*Misericordia quero e não sacrificios*». Ligou ás boas obras e não ao culto as recompensas eternas, e ainda a communicação do espirito santo, (como se vê em S. João, e n'uma Epistola de S Pedro).

A' samaritana, junto do poço de Jacob, disse: «Mulher, d'hoje em diante não se ha de adorar, nem aqui, nem em Jerusalem, mas em toda a parte onde os verdadeiros crentes adorarem em espirito e verdade».

E os primeiros christãos não edificarem templos, nem quizeram imagens, e *d'isso se applaudiam*.

*Sede perfeitos como o pae celeste.* Aqui reconhece aos homens a faculdade de se approximarem moralmente do ente supremo.

Taes são os caracteres geraes e mais salientes da reforma de Jesus Christo, que se levanta, como se fosse um marco divisorio, entre o velho e o novo mundo.

*Lourenço d'Almeida e Medeiros*

## O TRATADO DO COMMERCIO COM A ALLEMANHA

(*Do Correio d'Albergaria-a-Velha*)

Não são ainda inteiramente conhecidos do publico os termos do nosso recente trabalho de commercio com a Alemanha. O que d'elle, porem, se conhece, em extractos e notas evidentemente de procedencia officiosa, é já bastante para se poder avaliar a sua economia e a sua orientação.

Não poderemos deixar de começar por assignalar que foi excellente a impressão produzida no publico pela forma que foram conduzidas e ultimadas as negociações, tanto por parte do governo portuguez, como do governo allemão. E é evidente que, no momento actual, em que contra nós se procura produzir uma violenta campanha de descredito internacional, a forma lisongeira como a grande nação allemã acolheu os interesses portuguezes, procurando concilial-os com os interesses allemães e ligando-se a nós commercialmente pela forma por que o fez, tem uma significação, mesmo de natureza politica, que inutil é encarecer.

Essa vantagem, de ordem indirecta, é indubitavelmente maxima—e importa para Portugal, pela propria natural ordem das cousas, o reconhecimento de uma situação de consideravel valor em quaesquer outras negocições diplomaticas da mesma natureza entaboladas ou a entabolar com outras potencias. Convem não esquecer— e o tacto inexcedivel do sr. ministro dos negocios estrangeiros certamente d'essa circumstancia se saberá aproveitar—que a Allemanha, negociando comnosco nas bases em que negociou, foi a primeira a reconhecer as importantissimas vantagens que lhe advirão de estreitar entre os seus e os nossos mercados interesses que podem ser elevadissimos.

De facto, a reciprocidade de favores agora estabelecida entre Portugal e o imperio allemão, se traz vantagens excepcionaes para nós, não importa para a Allemanha beneficios menos apreciaveis a seria estulto pretender o contrario,

A Allemanha, concedendo-nos, para a importação dos nossos productos agricolas, vantagens especiaes, embora não receba de Portugal senão concessões de ordem generica, mas que especialmente aproveitam á sua situação industrial, sem prejudicarem a nossa, muito habilmente se aproxima por esse troca de favores dos mercados portuguezes, estabelecendo assim entre os dois paizes uma corrente economica de largos resultados.

Intelligentemente, a Allemanha viu o alcance d'esse facto tambem importante para nós—e d'ahi a orientação, altamente favoravel para os dois paizes, do tratado actual.

Essa é a razão geral que inspirou as negociações que tão feliz resultado tiveram e, se não podemos deixar de reconhecer o mutuo alcance d'este estreitamento de interesses entre Portugal e a Allemanha, tão habilmente conduzido, todos os elogios são poucos ao estadista portuguez que, com uma capacidade admiravel e um tacto perfeito, soube de todas estas circumstancias tirar as vantagens que a Portugal mais especial e directamente neste momento aproveitam, consignando-as e acautelando-as no documento diplomatico ha dias firmado no Porto.

Esse estadista, o nobre ministro dos estrangeiros, ligou n'essa obra o seu nome a um dos mais bellos, dos mais nobres e dos mais uteis triumphos da nossa diplomacia nos ultimos annos—e não o reconhecer; exaltando o seu nome na gratidão publica que lhe é devida por mais este grande serviço prestado ao paiz,—seria faltar á justiça e á verdade.

Resta-nos ainda apreciar, baseados nas notas officiosas que os jornaes publicaram, as condições do tratado que mais directamente se referem á economia nacional. Fal-o-hemos em subsequente ou subsequentes artigos.

## NA MINHA ALDEIA!

São já doze horas da noite
Na torre da minha aldeia:
Tudo dorme, ninguem ouve
O crucitar da tordeia!

Pia o mocho lasso e triste
Pousado no campanário
Chorando ai! minha amada
Que jaz ao pé do Calvario.

Vozeia afflicta a coruja
N'essa extrema solidão,
Causando terror aos mortos
Que dormem ali no chão.

Murmura a agua tranquilla,
Do ribeiro enlutado
Prestando inteira homenagem
A quem 'stá ali sepultado!

E eu sentado no plintho
Da cruz pardacento-escura,
Ao pé da loisa, soffria
Os tormentos da amargura!

E, cambaleando, além
Branco phantasma caminha
E's tu oh! anjo querido,
Puro amor da vida minha!

Ergueste a lapide negra,
A' porta de tua cella,
Olhaste, e não viste um vulto
Chorando ali ao pé d'ella?!

Chamei-te em vão. Não ouviste
Os brados e rogos meus.
Deixaste esta terra fria
Voando agil para os céus.

Leva sequer um adeus!
E de mim uma saudade
Que te servirá d'allivio
Para toda a eternidade!

16—XII—08.

*Elysio Gomes Moreira.*

## FUTURA RAINHA

Um telegramma de Berlim diz entaboladas negociações para o casamento de El-Rei D. Manoel II com a unica filha do imperador da Allemanha.

E' a princeza Victoria Luiza Adelaide Mathilde Carlota, nascida em Marmorpalatz, perto de Potsdam a 13 de setembro de 1892. Conta, portanto, dezeseis annos. Seu pae é o imperador d'Allemanha e rei da Prussia, Guilherme II e sua mãe a imparatriz rainha Augusta Victoria, irmã do duque Ernesto de Slesvig Holstein. Pelo lado paterno é neta do imperador e rei Frederico III, o Nobre, e da imperatriz rainha Victoria, filha da rainha Victoria de Inglaterra e pelo lado materno de Frederico, duque de Slesvig Holstein e de Adelaide, princeza de Hohenlohe-Laugenburgo.

Será esta a futura rainha de Portugal?

Outros teem indicado como noiva de El-rei uma neta do rei de Inglaterra, a princeza Alexandra Victoria Alberta Edwina Luiza, nascida em East Sheen Lodge a 17 de maio de 1891, filha do primeiro duque de Fife (leia-se Faife) Alexandre Guilherme Duff e da princeza Luiza Victoria Alexandra Dagmar, filha do rei Eduardo VII e da rainha Alexandra, princeza da Dinamarca.

Os duques de Fife teem outra filha mais nova, Maud Alexandra Victoria Georgina Bertha, nascida a 3 de abril de 1893. A nobreza d'este duque, comquanto antiga, não chega á craveira do sangue real. Era um lord inglez, conde de Macduff, feito duque para casar por amor com a filha do então principe de Galles.

## LITTERATURA

Ha dias, depois de jantar, lembrei-me de dar um passeio pela linha ferrea, até á ponte da Madria. No caminho encontrei uma dessoa amiga, e falamos sobre diversos assumpots, onde eu revelei ter mais conhecimentos sobre artes e litteratura.

O amigo, que commigo esteve de dalestra, ficou maravilhado ao ouvir a minha linguagem pura e sã; amfim de verdadeiro litterato; um assombro!...

A minha linguagem ostentava mais graça e era mais fina, e são de minha lavra para todos os effeitos as impressões recebidas sobre diversas individualidades, e escriptores de raça.

—**José de Alencar**—Esse vulto que deixou na terra o pranto, a dôr e a desolação foi José de Alencar.

O povo Brazileiro ordinariamente é mudo para os genios nascidos no seio de sua Patria.

—**O Padre Antonio Vieira**—*O meu collega* disse que em Roma, quando os extrangeiros lá iam passeiar procuravam a estatua de *Catão* erguida á sublime memoria de um escriptor d'aquelle tempo.

Vêdes queridas leitoras que só a pena de um escriptor como *Alcinda* e *Mario Relvas* é que assim podia escrever!...

—**O Bazilio**—Aquelle Telles d'Albergaria, muito conhecido no nosso meio litterario, jornalista illustre, politico e estadista dos mais cotados.

A pena d'esse escriptor foi sempre a alavanca do progresso e da luz!!!

Nunca o pensamento d'aquelle genio pairou sobre banalidades; *tal qual como um Santo Antoninho* e ninguem aprecia as suas obras.

Pobre *Telles Brazileiro!* .. eras um genio na arte e na litteratura; fosse eu como tu, mas infelizmente só escrevo producções copiadas, tenho a subida honra de me assignar «Alcinda».

**Visconde de Nine**—Este escriptor celebre que por signal, ainda é meu parente, e que mora a dois passos de minha caza um pouco acima da linha fe rea; é tambem um genio, e uma divindade na litteratura.

Não esqueçamos o saudoso e preclaro nome de um dos mais eminentes magistrados. A morte assim o ronbou e o tempo tenta encobri-lo, não deixemos que o esquecimento, venha apagar do nosso peito esta saudade tão grande todos os que a retêm.

Admirae, queridas leitoras, a minha prosa elegante e sublime; a simpathia e a gratidão de um homem não são cousas façeis de conquistar. Eu apesar de ser um lobo, jámais esquecerei o quan o sois dignos, e só um escriptor da minha raça, é que podia ter nobres pensamentos como este que na prosa se assigna; «Alcinda» na poesia, «Mario Relvas»; os meus versos eu os faço, eu os entendo, e a minha prosa elegante, não fica ao alcance de todas as intelligencias, e dos individuos mais illustrados.

—**O conde de Vianna**—mais conhecido, por Vianna o «sapateiro», foi um genio na litteratura, foi um sabio na litteratura; e já que fallamos n'esse grande escriptor, vamos copiar um celebre discurso feito por elle em dia de Carnaval.

* * *

A dexteridade dilemmatica do Climaterico clavicordia, nas ancias magneticas do desaguisado apóro, surge com o pirotechnico estouro das bombas acrobaticas.

Comprime o targido delatorio das massas crepudinosas, e leva as ibações bellicosas do *assumptivel* ao artetico hipico da digitilarme asphodeloidea.

Não trepideis, oh catastatico epicedio, deante da redhibitorio flammipotente da hydothetice infernalidade do viannismo.

Como vedes queridas leitoras as minhas apreciações feitas a diversos escriptores, e um mimo de leitura, e especialmente na parte que me refiro ao *Conde Vianna* o «sapateiro» e um primôr de litteratura.

Apesar de que não somos nós os unicos fadados para sermos deleitados com a forma de escrever.

Não! São todos esses viventes que constituem a humanidade inteira!!!

E' todo o mundo que deve ver em mim o propheta da arte e da poesia, o genio representando a arte grande e sublime como ella é!!!

Caminho sempre n'esse trilho admiravel dos genios! E caminho sempre na certeza de que jamais deixarão de repetir o meu nome, d'uma saudade que legais.

E porque é que fazeis amofinar um homem da minha raça, e para que me chamaes *Lobo e Papa Ostias*? .. mas, podeis estar descansados meus algoses, porque quando eu fôr a casa da *Snr.ª Ostia* hei de contar-lhes todas as infamias que me dirigis, e então só lá é que recebo palavras de conforto, e algum allivio ao meu mal. porque a caridade ainda se não se acabou. Não confundamos a caridade propriamente dita com essa caridade que sacrilejamente annunciam os ambiciosos.

Mas podei descançar que o fim da mim vida não vem longe e depois já não me chamais *Santo Antoninho, nem Lobo, nem Papa Ostias*

Até breve.

Vosso admirador.

*Alcinda.*

## NOTICIARIO

### D. CLARA DE MIRANDA

Acha-se melhor dos seus soffrimentos a ex.ma snr.ª D. Clara de Miranda, nossa illustre collaboradora, com o que devéras folgamos.

### TEMPO

Esteve bom e voltou, de novo, a mau, não sabemos porquê.

Presumimos, que seja por motivo de despedida do anno, e n'esse caso esperemos o anno novo para depois podermos fazer uma previsão, quando não seja exacta, pelo menos approximada.

### PESCA

Nem um carapausinho para o gato.

### PUBLICAÇÃO IMPORTANTE

Historia da Igreja em Portugal

Está em via de publicação esta obra notavel, sob differentes aspectos, e destinada a despertar o maior interesse e prestar os maiores serviços a todos os que desejam conhecer a historia nacional.

O sr. Dr. Fortunato de Almeida, professor do lyceu de Coimbra e já conhecido por diversos trabalhos históricos, dedicou alguns annos de paciente investigação sobre a historia da Igreja em Portugal, trabalho que ainda não estava feito e que demanda grande erudição e seguro critério. E' essa obra que agora vai saír a lume.

Na

**Historia da Igreja em Portugal**

o auctor estuda a evolução da vida religiosa do povo portuguéz, das instituições ecclesiasticas, das relações entre o Estado e a Igreja, e tem assim occasião de reconstituir sob aspectos novos muitas páginas da nossa história politico-religiosa que ainda não foram devidamente estudadas. Além de tudo isso o auctor faz individuadamente a historia de cada diocese e o catálogo dos bispos respectivos.

*Historia da Igreja em Portugal*

publica-se aos fasciculos mensaes de 80 páginas, ao preço de 250 rs. cada um, cobraveis, sem mais despesas, por séries de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Os pedidos devem ser dirigidos á

**Imprensa Academica**

Rua da Sophia, COIMBRA

### DOENTE

Acha-se bastante encommodada de sua saude a ex.ma snr.ª D. Felicidade Augusta Riffa da Gama Baptista, esposa do snr. Dr. João d'Oliveira Baptista, abalisado clinico, e mãe do snr. Carlos Alcantara da Gama Baptista, conceituado pharmaceutico, ambos d'esta villa.

Fazemos votos pelo prompto restabelecimento da illustre senhora.

### «Real--Aperitivo»

O melhor vinho fino para as festas do Natal.

A' venda nas principaes mercearias d'esta villa.

Acha-se no seu estado interessante a rainha Guilhermina, de Haia.

De visita a sua ex.ma familia, onde veio passar o dia de Natal, tivemos o gosto de cumprimentar n'esta villa o nosso amigo snr. José Ferreira Marcellino dig.mo empregado commercial; dilecto sobrinho do ex.mo snr. dr. José Ferreira Marcellino dig.mo advogado e administrador d'este concelho, e dos ex.mos snrs. José e Manoel da Silva Bonifacio, importantes commerciantes d'esta villa.

### LOTERIAS

A sorte grande da loteria d'Hespanha sahiu a um individuo de Bilbau.

A da loteria portugueza sahiu a um individuo do Porto.

Parabens e boas-festas aos felizes.

### A FERIAS

Estão entre nós, em goso de ferias, os nossos amigos e conterraneos os distinctos academicos Anthero Cardoso, Antonio Zagalho dos Santos e Antonio Santiago.

### Linha ferrea

Em breve, o governo turco examinará o projecto da construcção de 5:000 kilometros de linha ferrea.

### ADIANTAMENTOS

Referem telegrammas de Napoles que o thesoureiro do municipio fôra *tomar ar* deixando um desfalque de 320:000 libras.

## FOLHETIM

### O PECCININO

OU

**O Bandido Nobre**

POR

GEORGE SAND

A sua attenção fixou-se sobre tudo n'um d'estes frades, que mal deixava ver o rosto mettido no capuz, e que não esmolava.

Separado dos outros, passeava na salla, parecendo dar mais importancia ao local da festa.

Miguel deligenciou ver-lhe-as feições, avaliar pela phisonomia, se a intelligencia d'um artista, ou os desgostos d'um homem de sociedade se occultavam sob este habito; mas só uma vez e de repente, consegniu vel-o levantar o capuz, e a sua repugnante fieldade impressionou-o. N'este mesmo instante os olhos de frade, com uma expressão de curiosidade malevolente, procuraram Miguel, mas ogo mudaram de direcção, como se temesse darem com elle a observar os outros.

—Eu já vi esta abominavel figura, não me lembro onde, diz Miguel a sua irmã que estava ao pé.

—Tu chamas áquillo uma figura? Eu não vi senão umas barbas de bóde, olhos de coruja, e um nariz que parece um figo peco esmagado... Espero não fazeres o seu retrato.

—Mila, tu ha pouco disseste conhecer alguns d'estes cenobitas, de os teres encontrado a pedir pelo bairro, e este nunca o viste?

—Creio que não, mas se tens muito desejo de saber quem é, ser-te-ha facil, porque está ali um d'elles que m'o dirá.

E correu ao encontro d'um frade, que tinha sido o ultimo a chegar, sem alforge, sem burro, sómente com uma pequena saccola. Era alto, bonito, de meia idade; a barba ainda da côr do ebano; posto que a sua coroa de cabellos principiasse a embranquecer. Os seus olhos negros, o nariz aquilino, o sorriso de seus labios vermelhos, annunciavam uma bôa saude junta a um caracter alegre e recto.

Não tinha a magresa doentia nem a obsidade ridicula de quasi todos os seus confrades. Era limpo o seu habito castanho, e usava-o com certa imponencia.

Este capucho incutiu, logo á primeira vista, a confiança a Miguel; mas desgostou-se subitamente vendo Mila saltar-lhe quasi ao pescoço, e afagar-lhe a barba entre as suas pequeninas mãos, e querendo fingir abraçal-o, contra sua vontade.

«Anda lá, pequena, socega, diz o frade desviando-a com doçura paternal. Posto que seja teu tio, não se deve abraçar um frade.»

Miguel recorda-se então d'um capucho, Paulo-Angelo, de quem seu pai lhe fallava muitas vezes, e que nunca vira. Frei-Angelo era, por sanguinidade, como pela alma, irmão de Pedro-Angelo, e o mais novo dos tios de Miguel. A sua intelligencia e o seu caracter digno faziam o orgulho de sua familia; e assim que Pedro o avistou correu a apresentar-lhe Miguel.

«Irmão, diz o velho artista, comprimentando-o cordealmente, abençôa meu filho; já o teria levado ao teu convento, para lhe dares a tua benção, se não tivessemos tido um trabalho álem das nossas forças.»

—Meu filho, responde Frei-Angelo, dirigindo a Miguel, eu te abençôo como parente e amigo; folgo de ver-te e gosto da tua figura.

—O mesmo eu sinto, diz Miguel apertando na sua a mão do tio.

Porém, para significar-lhe a sua affeição, o bom frade, que tinha musculos de athleta comprimiu-lhe com tal força os dedos da mão que Miguel, por um instante os julgou partidos; mas não queria dar signaes de que achava rudes as suas caricias; porém, o suor banhou-lhe a fronte, e sorrindo disse comsigo: um homem da laia de meu tio estava mais proprio para exigir a esmola, que para sollicital-a.

Mas como a força esta quasi sempre unida á brandura, Frei-Angelo approximou-se do destribuidor das esmolas com tanto recato e descrição como tinham sido insistentes e alvoraçados os seus companheiros. Saudou-o com um sorriso, abriu-lhe a saccola, sem dignar-se estender a mão e sem se importar com o que n'ella fôra mettido tornou a fechal-a murmurando uma formula d'agradecimento muito laconica, depois do que, volta para junto de seu irmão e sobrinhos, recusando-se a acceitar viveres de nenhuma especie.

—N'esse caso, diz um creado muito devoto, chegando ao pé d'elle, não lhe deram bastante dinheiro!

—Parece-te? Eu não me importo com isso. Com o que fôr, tem o convento de contentar-se.

—Quere que eu vá pedir em seu logar, irmão? Se promette implorar por mim todos os dias d'esta semana, eu farei com que lhe dêem mais.

—Então, não é preciso que tenhas esse trabalho, volve logo o altivo capucho; eu rogarei por ti gratis, e a minha oração será mais ouvida. Tua ama, a princeza Agatha, dá muitas esmolas, e eu não venho, aqui senão para obedecer ao costume da minha ordem.

—Meu tio, diz Mila fallando baixo, está álem um frade da sua communidade, que inquieta muito meu pai e meu irmão, porque lhe acham parecenças com um outro.

—Com um outro? Que queres dizer?

—Ora repara n'elle, atalha Pedro-Angelo. Miguel tem razão, elle tem má cara! Deves conhecel-o. Está acolá, sosinho, no estrado dos musicos.

—Pela estatura e porte não o teria por nenhum do meu convento; comtudo, tem o habito de capucho. Mas em que pôde isso interessar-vos?

—E' porque o achamos, responde Pedro baixando a voz, muito parecido com o abbade Ninfo.

—Em tal caso, ide-vos embora, diz vivamente Frei-Angelo.

Eu vou ter com elle e saberei quem é e o que vem aqui fazer.

—Sim, sim, partamos, responde Pedro. Filhos ide adiante; eu já vos sigo.

Miguel deu o braço a sua irmã e não tardaram a entrar na estrada de Catania.

(Continúa.)

*Clara de Miranda.*